

Editorial

A Psicopatologia Fundamental, sendo um campo de interlocução entre diversas posturas teórico-metodológicas e clínicas, solicita um método que oriente sua dinâmica. Isto é necessário para a construção de uma sólida base servindo de referência para as pesquisas, as reflexões e as interlocuções.

A prática tanto no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP como nos eventos da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, tem revelado que o método mais adequado é o do relato clínico.

O relato clínico é o principal recurso da atividade psicopatológica porque é através da narrativa do caso e da situação onde o tratamento ocorre que se pode compreender a natureza e a dinâmica do *pathos* psíquico e elaborar metapsicologia que bem represente o que se passa na clínica.

O relato clínico toma, sempre, um caso e constrói uma narrativa a respeito das manifestações e de seu tratamento. Um caso, por sua vez, não é um paciente, mas uma construção representativa.

É a partir daí que podemos construir uma reflexão que não seja nem ideológica nem preconceituosa.

A grande tentação do clínico é sempre se esconder em considerações “teóricas” abstratas, sem articulações imediatas com o relato do caso, que sempre deve anteceder tais considerações.

Aliás, as tentações que estão presentes na escrita psicopatológica são diversas. Além dessa precipitação no abismo da abstração “teórica” há, também, o apelo ao bom senso.

Há certos profissionais que fazem constantes apelos ao bom senso como um guia para a atividade clínica e para a escrita psicopatológica. Entretanto, quem clinica sabe que essa atividade não é regida pelo bom senso. Ao contrário, ela vem sempre acompanhada de intuições, de representações e de ações que nos afastam do bom senso. Este é, portanto,

um recurso que nos afasta do psicopatológico, pois a lógica do *pathos*, como bem nos revela Roland Gori em *Lógica das paixões* (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004) não obedece ao bom senso. Assim, o psicopatólogo, ao relatar um caso, não deve omitir a loucura que se manifesta na situação clínica. A loucura tanto do paciente quanto a do psicoterapeuta, pois isso não passa de manifestação do *pathos* que, para ser compreendido, precisa se revelar na narrativa clínica.

Freqüentemente psicoterapeutas manifestam preocupação a respeito das revelações que uma narrativa clínica pode conter. Eles temem que o paciente se reconheça na narrativa e fique magoado, ofendido por ser utilizado dessa forma. Esses psicoterapeutas se esquecem que a narrativa clínica não é o paciente. A narrativa clínica é a descrição de uma situação que representa determinada realidade, mas não é a própria realidade. É necessário não se esquecer, também, que uma narrativa clínica é verossímil, mas não precisa ser, necessariamente, verdadeira. Os relatos clínicos de Freud, por exemplo, são verossímeis, mas não são verdadeiros. Ele mesmo dizia que construía a narrativa do caso como se fora uma ficção, uma novela.

Há, na literatura psicopatológica, uma série de narrativas clínicas que são, sempre, de grande utilidade para aquele que deseja reconhecer o *pathos* psíquico e refletir sobre a sua natureza e a sua dinâmica. Esses relatos de casos são recursos extremamente importantes para o avanço da psicopatologia, pois é a partir deles que se pode elaborar construções metapsicológicas.

Finalmente, é preciso reconhecer que a Psicopatologia Fundamental, trabalhando com versões muitas vezes contraditórias, necessita de relatos clínicos para compreender melhor uma determinada situação. Isso, por exemplo, é particularmente evidente no âmbito da chamada Reforma Psiquiátrica Brasileira, em que a política pública alterou as formas de tratamento. A avaliação desse conjunto de políticas públicas só será possível na medida em que houver uma quantidade de relatos clínicos onde psicoterapeutas narram suas práticas, com especial atenção para as manifestações e a dinâmica do *pathos* psíquico na situação clínica. Como será possível uma avaliação científica da Reforma Psiquiátrica Brasileira sem sabermos o que se passa nos CAPS, nos NAPS e em outros equipamentos criados por esse conjunto de políticas públicas?

A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* procura sempre dar prioridade a artigos baseados em relatos clínicos e apresentando reflexões metapsicológicas e metodológicas a partir da prática clínica posta em palavras através dessas narrativas, pois estamos convencidos de que só assim nos afastaremos das tentações ideológicas que grassam no campo da psicopatologia.